

O ATLÂNTICO NO IMAGINÁRIO DO PADRE VIEIRA¹

Luiz Felipe Baêta Neves
UERJ

Ao falar de Vieira é sempre prudente que o vejamos – e vejamos suas opiniões e teorias – marcado pela pluralidade. Neste sentido, encontraríamos não *um* Atlântico ou uma definição única e acabada que apontasse com firmeza aquilo que o jesuíta considerasse como indicativo de uma autoria inteiriça e sem contradições.

Assim, os fenômenos, para Vieira, não são caracterizados como de *essência fixa* que caberia descobrir e manter. Há uma multiplicidade de interpretações que constituem, em seu jogo, uma Verdade que, se tem Origem Única e Transcendental, admite a contingência e a variabilidade.

O mundo é constituído por sua mutabilidade e pelas formas de ação que as palavras assumem, os efeitos que possam ter e as funções que venham a ocupar. A linguagem terá o sentido que a ela emprestarmos, ainda que Vieira possa buscar tal sentido não apenas na experiência sensível, que lhe é cara, mas no que considera a história das palavras, ou seu emprego em textos sagrados ou no valor que a elas seja atribuído por aqueles que considera *autoridades*.

A razão vieiriana se constitui pela escolha e articulação de atos e palavras em busca de fins determinados.

O *pragmatismo teleológico* do grande jesuíta se forja, muitas vezes, em articulações inesperadas ao olhar comum e que escapam a uma lógica previsível que daria como improvável a formação de um novo elemento a partir do repertório disponível. O que pode ser visto na conexão entre *acomodação* e *risco*, ou entre *conservação* e *transformação*, ou entre *contingência* e *permanência*. Os exemplos poderiam se suceder e, creio, apontariam para um discurso que pode indicar um dos núcleos do pensamento vieiriano que estaria nos modos pelos quais ele opera os *pontos de junção* entre significados que frequentemente em outros autores requerem uma *opção* e não uma *inclusão* de situações vistas, em geral, como excludentes entre si.

A inclusão reforça a linguagem de Vieira ao ressignificar palavras, expressões e antinomias. Pode-se, então, ver com maior clareza a singularidade do que mais tarde

¹ De palestra apresentada no 5º Colóquio do PPRLB.

seria conceituado como seu perfil autoral, seu militante empenho em fazer da linguagem instrumento de *persuasão* e de *combate* religioso e político.

O discurso vieiriano não deve, por sua vez, ser entendido como compreensão da *realidade* tal como se apresenta ou como mera *ilustração* do Desígnio Divino. O que ele pretende, na verdade, é descobrir, na cena terrestre, aquilo que as Escrituras Sagradas já haviam afirmado. O esforço cristão que deve ser feito pelo comentador ou por aquele que escreve ou prega é o da compreensão do que se desenrola no percurso humano tal como prenunciado pelo texto divino. É, pois, um esforço de interpretação correta de uma palavra que já havia sido enunciada e que conheceu percurso humano.

A busca do autor é a da *compatibilização* entre uma cena originária, apresentada nas Escrituras, e as cenas posteriores, que os feitos humanos constituíram. A procura da verdade é a da descoberta, na história profana, da palavra santa, que é a Origem de todas as outras.

As descobertas dos mares e sua exploração não têm para o padre Antonio Vieira certo significado antigo que ligava o imaginário relativo ao mar a uma *atitude orgulhosa e temerária*. Imaginário que faria das “aventuras marítimas” alguma coisa derivada de uma *ambição* desmedida e/ou de um *excesso* orgulhoso. No imaginário social que o inaciano integra, se há excesso, este é posto a serviço de uma causa superior que se liga a um propósito religioso inarredável. Não se trata, aqui, de vaidade pessoal e sem finalidade nobre; trata-se de sentimento que toca a toda a cristandade e que é um avanço arriscado, mas necessário.

Em uma determinada acepção, as dificuldades, os percalços, as desventuras humanas podem ser vistos exclusivamente como transtornos indesejados ou como castigos à ação cristã levada a efeito por sacerdotes ou pelo comum do rebanho. Vieira, por sua vez, em inúmeras ocasiões, chama a atenção para os efeitos que a adversidade pode ter para o cristão e, notadamente, para o missionário. Assim, os *obstáculos* podem se transformar em elementos de *fortalecimento* da convicção religiosa, que se temperaria também na dor, ou como aviso divino de erros a evitar ou de rumos a tomar ou, ainda, como prova requerida pelo Senhor para avaliar a fé dos cristãos.

O que se disse acima não é sinônimo de aceitação sem reservas ou de regozijo imediato ou de um elogio do martírio sem finalidade. Vieira dá múltiplos exemplos de sua dificuldade de compreensão das causas de adversidades injustificadas, das derrotas sem sentido aparente, do que surge como situação inopinada. Estas incompreensão e surpresa são frequentemente (ou sempre) manifestadas diretamente ao Senhor e, por vezes, de maneira crítica veemente.

Em carta ao padre Francisco de Moraes, datada de 6 de maio de 1653, diz Vieira:

Amigo, não é o temor do Inferno o que me há-de levar ao Céu: o amor de quem lá se deixa ver e gozar, sim. Oh! Que bem empregados mares, e que bem parecidos maranhões, se por eles se chegar com mais segurança a tanta felicidade! Só um defeito acho nesta minha, que é não a poder repartir convosco; mas já que vivemos sem nós, vivamos com Deus, pois está em toda parte; vejamo-nos n'Ele e ouçamo-l'O, que melhor será que ouvirmos. (VIEIRA, 1970, p. 295).

O oceano como caminho do Céu é apontado pelo remetente antes como preço a pagar do que como trajeto plácido e seguro a ser seguido pela Companhia de Jesus. O oceano é algo temível que é preciso ultrapassar para se atingir a felicidade santa; não se deve ter receio dele a ponto de torná-lo obstáculo tamanho que impeça a chegada ao Céu e a desejada construção de uma terrena cidade celeste na Terra. Se a fé for constante e vigorosa, o significado de *oceano* será a *expansão* e a *fixação* cristãs em mundos novos e entre o gentio. Se o medo vencer a sagrada aventura da travessia, o Inferno será vitorioso e seus aliados hereges ou pagãos serão os triunfantes nas terras que, por Destino Divino, não lhes é destinada.

Mares e maranhões, palavras de Vieira, são vistos pelo polimorfo jesuíta como parte integrante da Unidade de céus e terras que tudo absorve e engloba e que não pode pôr à parte qualquer de seus componentes. Todos passíveis, se bem lidos, de integração ou de serem *alijados* de um ou outro modo da convivência cristã em expansão.

No sermão IX da série Maria Rosa Mística, diz Vieira:

Com grande harmonia e natural consonância concorrem estes dois Evangelhos, ambos de S. Mateus, neste dia, neste lugar e em tal tempo. Digo neste lugar, porque dentro de quatro tábuas nos achamos todos no meio do vastíssimo oceano. E digo em tal tempo, porque temos entrado nos primeiros dias de outubro, mês tão formidável a todos os mareantes por suas tempestades, como memorável por seus naufrágios. Os mesmos nomes dos santos, a quem nos costumamos socorrer nos trabalhos, não só parece que nos estão avisando, mas ameaçando com eles. [...] No meio, porém, destes temores, de que não há no mar hora nem momento seguro, nos animam igualmente as palavras de um e outro Evangelho. (VIEIRA, 1958, p. 393-394; VIEIRA, 1998, p. 454).

O jesuíta descreve com eloquência cortante a condição, sua e de seus companheiros de travessia marítima, em que se encontram face a um ambiente desmesurado. Estão “dentro de quatro tábuas” no meio de “vastíssimo oceano”. A *pequenez* da embarcação nos fala da fragilidade humana diante de uma força natural de *proporção inversa* à daquelas “quatro tábuas” que os levam. E tudo sob o aviso ou,

antes, a ameaça de tempestades e naufrágios, marcadamente nos meses de outubro, conhecidos de todos os navegantes.

O discurso vieiriano pode à primeira vista apresentar uma situação de *penúria* humana envolta por uma *opulência* natural ativa e temível. Ocorre que esta mesma situação clamorosa permite que se veja a grandiosidade dos cristãos e, mais, seu heroísmo devoto na perseverança em alcançar objetivos maiores.

A única certeza que se afigura é a de que obstáculos devem ser superados para que a cristandade vença sua luta continuada contra heréticos e gentios. Certeza que se contrapõe aos caminhos marítimos a percorrer – caminhos que “não [têm] hora nem momento seguro”, mas que é preciso navegar.

Em epígrafe, do Evangelho de Mateus, ao sermão em questão, Vieira cita: “Entrando Jesus em uma barca, passou à outra banda e foi à sua cidade”. O que é, em caráter sucinto, marca da importância do que se diria a seguir quanto à alta significação *sagrada e humana* da *travessia* do Cristo, e do meio de transporte que usa para chegar à cidade que é sua.

Ao cruzar o Atlântico em 1654, do Brasil rumo à metrópole colonial, o grande orador narra, no sermão de Santa Teresa, na ilha de São Miguel do arquipélago dos Açores, episódio em que forte tempestade e a fúria do vento fazem adernar o navio em que está:

A quem aconteceu jamais depois de virado o navio, e depois de estarem todos fora dele, sobre o costado, ficar assim parado e imóvel por espaço de um quarto de hora, sem a fúria dos ventos o decompor, sem o ímpeto das ondas o soçobrar, sem o peso da carga e da água, de que estava até o meio alagado, o levar a pique; e depois dar outra volta para a parte contrária, e pôr-se outra vez direito, e admitir dentro em si os que se tinham tirado fora? (VIEIRA, 1931, p. 256; AZEVEDO, 2008, p. 300).

Cena patética que não só aponta para a extrema dificuldade da travessia oceânica através de um exemplo raro que Vieira, cronista, descreve e cuja excepcionalidade aponta. Excepcionalidade tão grave, vincada de desdobramentos danosos que se sucedem, que apenas a intervenção divina poderia reverter de forma que descreveria como miraculosa. Na lógica vieiriana, Deus tinha a *responsabilidade* pelo acontecido porque os missionários que lutam em Seu nome tinham corrido enorme risco e, por conseguinte, a Ele caberia resolver a questão em benefício dos cristãos em risco. Vale notar que o próprio Senhor era a *origem* de todas as coisas: Ele, causador da peripécia e de seus efeitos, deveria promover, como em uma correção de rumo, a *solução* dos problemas citados: “E como o perigo era tomado por amor de Deus e dos próximos,

como podia faltar a segurança no mesmo perigo?” (VIEIRA, 1931, p. 256; AZEVEDO, 2008, p. 300).

O Atlântico é exemplo importante do imaginário vieiriano, que inclui outros oceanos, rios, cachoeiras. E que sempre tiveram o papel paradoxal de serem maravilhas e obstáculos, pontes e sofrimentos vistos em sua grandeza e como moldura para o cotidiano tantas vezes relatado por Vieira como passos para a edificação do império cristão em todas as terras de todos os povos do mundo.

REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, João Lucio de. *História de Antônio Vieira*. 2ª ed. v. 2. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1931.

_____. *História de Antônio Vieira*. t. I. São Paulo: Alameda, 2008.

LISBOA, J.L. Azevedo (Org.). *Cartas do Padre Antônio Vieira*. v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional, 1970-1971.

VIEIRA, Padre Antônio. *Sermões*. v. 8. São Paulo: Editora das Américas, 1958.

_____. *Sermões Padre Antônio Vieira*. v. 4. Revisão e adaptação de F.O.O. de Barros. Rio Grande do Sul: EDELBRA, 1998.

MINICURRÍCULO:

Mestre e Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional da UFRJ. Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Ex-professor da Universidade de Paris – V. Autor, entre outros títulos de *Transcendência, Poder, Quotidiano; As cartas de Missionário do padre Antonio Vieira* (Rio, 2004).